

CEIFANDO VIDAS E SEMEANDO LETRAS



márcio moraes

Literatura e Português

Uma leitura das obras:

**Alguma Literatura: crônicas, de João Caetano Canela; e
A menina que roubava livros, filme dirigido por Brian Percival**

Ceifando vidas e semeando letras

Márcio Moraes

Ceifando vidas e semeando letras

1.^a Edição

Montes Claros
Márcio Adriano Silva Moraes
2014

Copyright © 2014
Todos os direitos reservados a
Márcio Adriano Silva Moraes

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei nº 5.988 de 14/12/1973.
É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sem autorização
prévia, por escrito do autor.

Contato e pedidos pelo site:
www.marcioadrianomoraes.com

M827c
Moraes, Márcio.
Ceifando vidas e semeando letras - Montes Claros:
M. A. S. Moraes, 2014.
72p.

ISBN: 978-85-914114-7-4

1. Literatura brasileira. 2. Ensaios. I. Título.
CDD - B869.4

Revisão Textual: Márcio Moraes

Diagramação: Felipe Santana

Marca: Ricardo Kennedy Duarte

Gráfica Uni-Set Ltda.
Rua Urbino Viana, 593 – Vila Guilhermina
Cep: 39.400-087 – Montes Claros – MG
E-mail: graficanuniset@yahoo.com.br

Impresso em Outubro de 2014.

SUMÁRIO

A poesia de outrora e a prosa de agora nas crônicas de João Caetano Canela em <i>Alguma Literatura</i>	7
João Caetano Canela	7
A Literatura nas crônicas de João Caetano Canela	9
Síntese das crônicas: uma proposta de leitura	11
Referências	33
Ceifando vidas e semeando letras: uma leitura do filme <i>A menina que roubava livros</i>	34
O Autor: Markus Zusak	34
O Diretor: Brian Percival	34
Contexto histórico: A Segunda Guerra Mundial (breve histórico)	35
A História na Literatura	38
A Literatura no Cinema	41
Enredo de <i>A menina que roubava livros</i>	45
Uma leitura do filme <i>A menina que roubava livros</i>	49
Referências	66
Questões Propostas	68

A poesia de outrora e a prosa de agora nas crônicas de João Caetano Canela em *Alguma Literatura*

*Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!*
(Casimiro de Abreu)

João Caetano Canela

João Caetano é advogado e colabora na “Página Literária” do Jornal de Notícias. É casado com Maria Cristina com quem tem quatro filhos: Maria Cecília, Ana Livia, João Caetano Filho e Pedro Paulo. É membro da Academia de Letras de Montes Claros.

Nasceu em Montes Claros - MG, em maio de 1950, filho de Antônio Canela Neto e Nilda Valle Maurício Canela. Portanto, filho de duas famílias de significativa importância histórico-literária na cidade. Criou-se na chamada “Rua de Baixo”, nas imediações da Praça da Matriz.

Cursou as séries primária e secundária na Escola Normal. E o próprio autor não esconde esta verdade: não foi dedicado aos estudos. “Eu era um péssimo aluno, disperso e desmotivado. Mas melhorei, e muito, a partir do dia em que fui matriculado no Colégio Dom Bosco...” Nesse colégio, através do professor de Português, Mestre José Raimundo Neto, tomou gosto pela literatura. Começou então a se interessar pela leitura, livros de Monteiro Lobato, de Érico Veríssimo, e as crônicas que Nelson Rodrigues publicava nos jornais da época. Descobria, assim, a magia das palavras e o sentido que ganhavam quando, com força conotativa, iam além do simples e mero sinônimo. Enfim, envolvia-se ali, definitivamente, com as letras, mesmo porque descobria também ali, no ato de escrever, um meio de comunicar-se, de interagir com o mundo, coisa que oralmente não lograva alcançar.

No entanto, só experimentou interesse maior e dedicação mais séria pelas letras, após ter seu conto “Fidalgo” premiado em um concurso literário. Até então, escrevia despreziosamente, para si e para os mais próximos. Portanto, foi somente depois desse fato estimulante, e, em

face de insistentes incentivos de familiares e amigos, que se voltou para a literatura e nela mergulhou de vez.

Seu primeiro livro de contos, *Meu tempo*, foi lançado em 2004.¹

O Gênero: Crônica

A crônica surge, historicamente, associada a registros circunstanciais de um determinado espaço de tempo. Etimologicamente, seu nome associa-se ao Titã Cronos (do grego khronos – tempo); por isso o seu radical é usado em palavras como cronômetro e cronológico. Ser cronista, portanto, é atentar-se para os acontecimentos do dia a dia.

Na literatura brasileira, as primeiras manifestações de crônicas, consideradas didaticamente literárias, datam dos relatos escritos por escrivães, navegantes, aventureiros e sacerdotes nos primeiros decênios da colonização. Ainda que leve o nome de “Carta”, o texto de Pero Vaz de Caminha, em 1500, é um exemplo dessa crônica de relatos. Nessa “certidão de nascimento”, o leitor depara com um texto narrativo, permeado de descrição e de dissertação. Uma das características da crônica é justamente a sua pessoalidade, a qual proporciona um lirismo reflexivo diante de um acontecimento. E, assim, as primeiras impressões da terra brasileira são registradas por Caminha em um texto que pretende não só informar, mas também refletir sobre o fato.

Com o tempo, a crônica deixa de ser esse relato mais oficial e ganha espaço nas páginas dos jornais. Assume a forma de um texto mais curto, de fluência considerável, a qual mescla o coloquial com o literário. Segundo Afrânio Coutinho, a crônica deixou de ter o caráter meramente informativo como ocorria com os cronistas viajantes, a exemplo de Pero Vaz de Caminha, e passou a ser

um gênero literário de prosa, ao qual menos importa o assunto, em geral efêmero, do que as qualidades de estilo, a variedade, a finura e argúcia na apreciação, a graça na análise de fatos miúdos e sem importância, ou na crítica de pessoas. ‘Crônicas’

¹ Biografia gentilmente encaminhada a mim via e-mail por Maria Cristina, esposa de João Caetano, a quem agradamos imensamente pelo apoio e confiança em nosso trabalho.

são pequenas produções em prosa, com essas características, aparecidas em jornais e revistas. (COUTINHO, 2004, p. 121).

Muito usada pela imprensa, a crônica ganha notoriedade na literatura do século XX, sobretudo com a produção de João do Rio, considerado o introdutor da “crônica mundana” no Brasil, isto é, da crônica social moderna. Para Coutinho, a “obra desse trepidante cronista representa a mais ousada tentativa para elevar a crônica à categoria de um gênero não apenas influente, mas também dominante” (COUTINHO, 2004, p. 128). Tradicionalmente, a crônica é, sem dúvida, a voz da cidade, é o gênero que melhor retrata o mundo tangível que nos cerca.

Apesar de seu nome estar associado ao mitológico cronos, do qual se extrai seu sentido etimológico, relato de acontecimentos em ordem cronológica, a crônica nasce da concretude deste mundo, guardando imagens de um momento, de um instante, para o historiador futuro.

As reflexões sobre os fatos, que podem ser reais ou ficcionais, são propostas em um texto leve e subjetivo, jornalístico e literário, no qual se harmoniza o autor-mundo-leitor.

No mundo moderno, marcado pela velocidade, pela pressa de viver, o cronista ganha destaque pela brevidade de seu texto, o qual sempre traz uma reflexão, ora cômica, ora irônica, ora crítica, ora filosófica de um tema específico, advindo de uma observação ou vivência cotidiana. Dessa forma, esse gênero textual possui resquícios biográficos de seu autor, por ser tratar de um texto de experiência.

A Literatura nas crônicas de João Caetano Canela

A vida e suas esquinas, muitas das quais se encontram na memória, passíveis à visitação. Outras, porém, nos são apresentadas ali, num dobrar de ruas, ou mesmo em nossa casa. Eis que encontramos pessoas e experimentamos momentos inesquecíveis. Por isso digno de serem grafados com tinta para que se perpetuem para sempre, não apenas numa lembrança individual, mas partilhada por todos. Assim são as crônicas de João Caetano Canela, marcadamente memorialísticas.

Em seus textos, visualizamos um homem saudosista, telúrico, crítico, ao mesmo tempo racional e espirituoso, assinalado pela comoção e superstição. Homem humano. Sua pena serve de ponte que liga o

passado ao presente. A velha Montes Claros dos casarões, da vida pacata à sombra das árvores, se depara com a nova Montes Claros dos apartamentos, da vida agitada à quentura das marquises.

Com a pretensão de modéstia, o título *Alguma Literatura* retoma imediatamente a primeira obra de Carlos Drummond de Andrade, *Alguma poesia* (1930). Tal qual o poeta de Itabira, o escritor montes-clarense deixou que os leitores dissessem a magna literatura que produziu. Sua indicação para o Processo Seletivo da Unimontes de 2015 comprova a qualidade de seu trabalho. Sobre isso, o próprio João Caetano (como gosta de ser chamado) confidenciou em uma entrevista: “É um reconhecimento que obtenho. Sinto-me premiadíssimo, laureado. Nunca esperei que fosse construir semelhante reputação literária e alcançar essas alturas. Se eu posso fazer uma comparação, digo que recebi o Prêmio Jabuti de minha Terra”.²

Sua linguagem é pura poesia. O cronista é um intelectual que recorre ao seu vasto glossário para nos proporcionar uma prosa adulta e muito bem escrita. O padrão culto da língua, carregada de termos da erudição, comprova o seu compromisso com o idioma português. Palavras pouco usuais no dia a dia ganham capricho e leveza: “denodo” (p. 72)³, “loquacidade” (p. 73), “saborrosa” (p. 74), “imbróglío” (p. 87), “notívago” (p. 149). Construções sintáticas pouco utilizadas como este anacoluto: “uma senhora que me lê uma queixa à minha pessoa” (p. 73) ratificam o conhecimento dos recursos estéticos da língua. E não são apenas em crônicas mais “sérias” que o autor utiliza esse vocabulário. Na segunda crônica do livro, “A lavadeira da prainha”, lemos o trecho: “afastou uma perna da outra e, de pé, realizou uma micção ruidosa e despudorada, expelindo um grosso e vigoroso jorro de urina” (p. 32-33). Nesse exemplo, vemos a escrita de um homem das letras, maduro, artífice da língua portuguesa. Quem costuma usar o substantivo “micção”? Palavra bonita, espécie de eufemismo de “mijar”. Os adjetivos usados (ruidosa, despudorada, vigoroso) nesse trecho, em se tratando de uma descrição de um mijo de uma moça, embelezam o ato.

² Entrevista cedida para imprensa local da cidade que foi generosamente me enviada, por e-mail, por Maria Cristina, esposa do escritor.

³ Informamos que todas as citações do livro aparecerão no corpo do texto apenas com a indicação de suas páginas. Todas se encontram em CANELA, 2014.

Mas seus textos também nos surpreendem com expressões coloquiais e do universo regional como no período: “por tudo que teve de difícil e constrangedor pra nós, a ponto de a gente nunca mais ter tocado no assunto” (p. 52); ou neste outro exemplo: “pra acabar dentro do rio – tiburum!” (p. 53).

O bom humor é outra marca de suas crônicas. Sua escrita leve é, por vezes, marcada por trechos que entretêm, formulando piadas. Na crônica “Trinta e um: amar o mar”, ao falar de baleias na praia de Ipanema, o autor brinca: “Ora, três senhoras, obesas, repoltreadas em cadeiras de praia com suas adiposidades à mostra, podem perfeitamente ser tidas como baleias” (p. 126).

Retomando as heranças dos escritores do século XIX, o autor se dirige, às vezes, explicitamente ao leitor, buscando uma cumplicidade para seus pensamentos: “Quer falar algo que um diabo não suporta ouvir, leitor? Pois então fale a ele de tranquilidade de vida” (p. 198).

A maioria de seus textos é narrada em primeira pessoa. Desse modo, ratifica a caráter biográfico das crônicas. De fato, seus textos são essencialmente experiências de vida. Assim, a verossimilhança lhe é um atributo caro. Espaços mencionados em seus textos são reais, bem como muitas histórias contadas. É claro que a literatura proporciona a ficcionalidade de fatos, recriando realidades e potencializando suas “verdades”.

Adquira o livro completo!

Apenas R\$15,00 (frete incluso)

Acesse o link e faça o seu pedido:

<http://www.marcioadrianomoraes.com/livros.php>